

O GATO DE ALICE E O TRAÇADO METODOLÓGICO

JACI OLIVEIRA MARQUES¹

RESUMO

Este artigo se propõe a debater e discutir o traçado metodológico de minha dissertação como um relato de experiência dentro de uma perspectiva analítica das possibilidades desta investigação. A chave deste trabalho, está na pergunta de partida que o motiva: o que os Estudantes do Ensino Médio da cidade de Fortaleza compreendem por violência contra a mulher? Para responder a este questionamento foram traçada métodos e técnicas de pesquisa que nem sempre se adéquam às expectativas de trabalho do pesquisador, assim, mostrarei o traçado metodológico de minha pesquisa dissertativa, que trás como marco os discursos públicos e ocultos dos e das estudantes sob a temática. Optou-se por trabalhar, com a técnica de grupo focal, cuja característica principal é ser uma entrevista grupal, onde foram realizados 15 grupos, onde ao todo foram 91 interlocutores, entre 14 e 18 anos. O objetivo principal deste artigo é, por tanto, discutir a metodologia de pesquisa trabalhada na construção de dados sobre a fala dos e das estudantes do Ensino médio pesquisados, acerca da violência contra a mulher, trazendo ao centro do debate a importância da flexibilização de métodos preconcebidos, dando maior relevância às necessidades que o campo apresenta na produção de uma pesquisa dialética de caráter qualitativo.

Palavras chave: Metodologia, gênero, violência contra a mulher

1 Mestre em sociologia pela Universidade Federal do Ceará

INTRODUÇÃO

A constituição de um objeto investigativo passa pela formulação de uma pergunta de partida que deve guiar todo o processo de averiguação. É impossível construir um objeto de pesquisa sem saber para onde se vai. Para chegar às respostas almejadas, é necessário ao pesquisador que ele inicialmente formule as perguntas certas e que siga uma trilha metodológica que permita alcançar as suas respostas. Caso contrário, o trabalho fica como Alice que, no *País das Maravilhas*, ao questionar o Gato risonho sobre qual caminho deveria seguir, ouve dele que, para quem não sabe para onde vai, qualquer caminho serve (CARROLL, 2010).

O busílis desta investigação gira em torno da percepção da violência contra a mulher por parte dos jovens em idade escolar da cidade de Fortaleza: o que eles compreendem, veem, vivenciam e nomeiam como tal. Torna-se relevante lembrar que o real é relacional, e, portanto, não é possível compreender um objeto sociológico sem perceber a teia de relações que o constituem. Afinal, “[...] pode acontecer que eu nada saiba de uma instituição acerca da qual eu julgo saber tudo, por que ela nada é fora das suas relações com o todo” (BOURDIEU, 2000, p. 31). Assim, tornou-se fundamental que eu aprofundasse estudos sobre o período histórico da segunda década do século XXI para poder compreender a teia de relações que levam os jovens de Fortaleza a perceber a violência contra a mulher de uma dada maneira e não de outra.

Para pôr luz sobre o objeto investigativo que envolve violência e gênero tanto quanto política e educação, assumo como referência fundante uma visão dialética e histórica. Ao mesmo tempo, cortejo a vertente interpretativa da Sociologia, uma vez que, para promover o desenlace da trilha investigativa, transitei entre o materialismo e a interpretação das subjetividades. Tomei estas duas correntes de pensamento não como oposições contraditórias, mas como elementos complementares para o entendimento do que aqui exponho. Assim, abordei tal objeto de forma histórica sem deixar de adentrar nas percepções, emoções e subjetividades.

Dentro de uma perspectiva dialética, histórica e materialista, apresento a mulher como sujeito histórico, mas também como sujeito de processo sociocultural, multifacetado, que envolve lutas pelo próprio entendimento do que é ser mulher. Apresento uma perspectiva de fazer sociológico que questiona a inflexibilidade da teoria, propondo um diálogo entre diferentes tradições sociológicas na perspectiva de contribuir para uma construção de uma sociologia racional, utilizando como base metodológica o que Lowy (2014) designa como

marxismo weberiano, não produzindo uma síntese eclética de diferentes linhas sociológicas. Assim, pretendo me apropriar dialeticamente de uma crítica à modernidade ocidental para me debruçar sobre os estudos de gênero.

Assim, fez-se necessário trabalhar com categorias sociológicas compreensivas de autores como SCOTT, FREITAS, BOURDIEU, ARENDT, BUTLLER tentando misturar conceitos históricos e dialéticos de gênero na perspectiva da fala dos estudantes, onde, como LOWY propõe, é buscado a apropriação materialista das razões compreensivas. Assim, uso como base teórica para compreender as categorias gênero e violência bem como seus encontros através das falas, SCOTT, BEAUVOIR, FOUCAULT, ZALUAR, LOURO, SAFIOTTI, CISNE e DAVIS, unindo teóricos do gênero e da violência materialistas e compreensivos.

Nesta averiguação, parto da premissa de que a objetividade metodológica almejada não se conquista por meio do paradigma positivista², segundo o qual o pesquisador tem de ver a realidade com olhos absolutamente imparciais e neutros, afastados de seu campo. O envolvimento com o objeto investigativo, em alguns casos, como neste, torna-se inevitável e profundamente necessário para a realização da pesquisa. Assim, faz-se necessário relembrar que não existe ciência neutra. Toda ela é constituída por teorias, e, neste caso, por tradições sociológicas.

Sou cônica de que a nossa principal tarefa para reconstruir cientificamente os grandes objetos socialmente importantes é a tentativa de romper com adesões preconcebidas, aquelas que com frequência estão inconscientes, sem que sequer sejam perceptíveis. A escolha a priori de uma determinada técnica ou método pode, não pode ser uma decisão invariável posto que se não se torna uma boneca de piche, que quanto mais tenta se soltar, mais preso fica. Por isso, esta é, então, uma tarefa de fortalecimento de dúvidas.

Durante estes grupos, muitas vezes houve surpresas, uma vez que as falas dos depoentes iam de encontro a todas as minhas suspeitas investigativas. Contrariando as hipóteses formuladas, o campo definiu seu próprio caminho. Em decorrência disto, a produção sociológica do caminho metodológico foi ultrapassada pelas falas dos

2 O positivismo é uma corrente filosófica e epistemológica surgida na França do século XIX, com August Comte (1798 - 1857), que propõe que apenas o conhecimento científico é o conhecimento verdadeiro. Assim, só seria possível comprovar-se qualquer fato se testado através de metodologias científicas, propondo um conhecimento apartado de crenças ou pressuposições. Para Émile Durkheim (1858 - 1917), teórico positivista fundador da Sociologia, a ciência da sociedade deveria seguir regras metodológicas próximas às das ciências da natureza, objetivas, neutras e livres de juízo de valor. Para ele, a sociedade seguia lei que a regulavam como as da natureza.

interlocutores. Este fato, *per se*, evidenciou que a construção de uma boa metodologia não necessariamente produz uma boa averiguação científica. É necessário algo de mais humano na pesquisa qualitativa, o que requer sensibilidade do investigador.

A pesquisa qualitativa, é sempre permeada por uma série de questionamentos acerca de sua neutralidade e da veracidade de suas conclusões, porém, a diversidade de opiniões e de posicionamentos pode permitir ao pesquisador uma versão mais próxima possível da realidade. Assim, parto do princípio de que a fala dos interlocutores representa “[...] uma sucessão de contextos interactivos e de personagens, onde as experiências relatadas não só afectam esses contextos, mas também transformam os próprios actores [...]” (LALANDA, 1998, p. 878). Seguindo estas pistas investigativas, realizei os grupos focais e, de depoimento em depoimento, constitui um fio condutor social e historicamente referenciado, que conferiu sentido à realidade investigada, contribuindo para o desenlace da pesquisa.

Na busca do resgate destas narrativas, constitui uma teia de representações a partir das múltiplas narrativas dos interlocutores, que transpassam diferentes vivências e experiências, construindo ricas narrativas orientadas pelos objetivos da pesquisa. Para possibilitar o levantamento de dados reais, deixei evidentes os interesses e os objetivos da pesquisa, fortalecendo a relação de confiança entre minha pessoa, na condição de pesquisadora, e o grupo. Esta postura estimulou a atitude colaborativa dos interlocutores, ao mesmo tempo em que favoreceu a dimensão ética da pesquisa.

Foi através desta contradição entre o real e o subjetivo que pude perceber que nada é mais real do que o acordado pelas pessoas, e a chave do trabalho deixou de ser a violência mas o que é a violência dentro deste mundo social na qual se forjam as falas destes meninos e meninas. Assim, partiu-se a todo momento da noção de que uma investigação é sempre relativa, pois toda visão é filtrada por um ponto de vista e pelas trajetórias dos interlocutores. Cabe ao investigador interpretar e construir a pesquisa entendendo que a realidade é composta pelas diversas visões que compõem o campo. Por isso, ao ouvir a mesma história através de diversos pontos de vista, tive o cuidado ético de relatar o meu campo por meio de premissas ontológicas, epistemológicas e metodológicas, sem apagar as intencionalidades de meus interlocutores.

ENQUANTO SE ESCREVE O PROJETO, O CAMPO RI

É famoso um ditado que afirma que: “- Enquanto nós fazemos planos, Deus ri.” Ao aplicar por analogia este ditado ao cenário da pesquisa por mim realizada, percebi que enquanto eu escrevia o projeto, o campo ria. Desde a construção do projeto até as pesquisas bibliográficas, formulei um planejamento de como seria delineada esta investigação passo a passo. A escolha de determinados caminhos metodológicos foi se adaptando às necessidades e provocações do campo. Foi necessário que eu invertesse de cima a baixo muito do que havia sido planejado. Não obstante, se o traçado metodológico se modificou bastante durante sua condução, os objetivos iniciais se mantiveram, levando-me a fazer as perguntas certas para alcançar as respostas almejadas.

Desde o princípio, compreendi a violência contra a mulher como uma temática extremamente sensível para os interlocutores e profundamente influenciada pelo senso comum. Assim, entrei no campo com a certeza de que deveria haver uma aproximação da forma mais íntima possível com os interlocutores, dando-lhes tempo de fala e acolhimento em suas interlocuções mais difíceis. Esta opção metodológica se revelou positiva tanto no que concerne às técnicas usadas para a seleção dos informantes como, posteriormente, à seleção dos dados utilizados, como explicitarei no decorrer deste capítulo.

Na busca por interpretar o que é dito e o que não é dito, examinei minuciosamente diferentes instrumentos metodológicos e técnicas de trabalho de campo que pudessem me levar aos discursos e à apreensão de significados, crenças e valores que me possibilitassem conferir sentidos a determinadas práticas. Iniciei os diálogos com os jovens na expectativa de fazer uma análise discursiva sobre a violência contra a mulher e verifiquei que a percepção da violência não é unívoca. Ela é vivenciada, compreendida e representada de diferentes formas por díspares atores sociais.

A princípio, eu imaginava que seriam realizadas entrevistas em espaços públicos da cidade, como praças, praias e demais espaços de interação juvenil, onde me seria possível dialogar com um grande número de jovens adolescentes. Em um primeiro olhar, pode parecer simples requisitar uma conversa informal com alguém em uma praça, porém, ao constatar que os sujeitos desta pesquisa são em sua maioria menores de 18 anos, me pareceu imprudente realizar qualquer comunicação sem alguém que intermediasse estas conversas. Era irrazoável conseguir um mediador para conversar com os jovens nesses espaços. Assim, surgiu uma primeira mudança metodológica: fui obrigada a adotar as escolas como *locus*, tornando-as cenários desta pesquisa.

Porém, foi na seleção da técnica investigativa que o campo me deu sua primeira gargalhada. Inicialmente, havia imaginado que o trabalho com entrevistas semiestruturadas, conversando com estudantes individualmente, seria a melhor escolha na perspectiva de construir uma conversa mais íntima, facilitando a minha aproximação e garantindo mais privacidade, discrição e acolhimento às suas falas. No entanto, me foi necessário compreender que o discurso não é um construto individual, mas sim algo construído coletivamente. Como eu não pretendia apenas coletar as histórias de vida dos estudantes e levantar suas denúncias e vivências, mas sim, acima de tudo, verificar suas percepções e o que eles dizem não apenas em segredo, mas também em público sobre violência contra a mulher, a técnica de grupo focal se impôs, me obrigando a assumi-la como uma determinação do campo investigativo.

A teoria de James Scott (2013) sobre a existência de díspares discursos, construídos por diferentes atores sociais foi fundamental para o desenlace da pesquisa de campo, contribuindo na perspectiva da compreensão coletiva do discurso, assim foi válido perceber que, quanto mais íntima e próxima for a forma de diálogo com o entrevistado, mais cúmplice será a sua relação com seus pares. Verifiquei que a fala de um adolescente incentivava a do outro e que, enquanto um se identificava com as temáticas e acrescentava detalhes ao depoimento alheio, outro podia discordar e se sentia à vontade para questionar, apontar e discordar de seu par. As comunicações dos integrantes dos grupos focais passaram a ser o principal motivador das conversas, um comentário fomentava outro, provocando profundas discussões e diminuindo os impactos da minha presença nestes diálogos.

Para Scott, os grupos subordinados, como é o caso das mulheres, criam discursos ocultos à partir de suas vivências e experiências, são falas que são construídas coletivamente, por meio de experiências de sofrimento que lhes são comuns, representando uma crítica à dominância. No entanto, tais discursos não poderiam ser expressos de forma livre, pois poderiam redundar em retaliação. Para tornar claro o entendimento, tomarei como exemplo os discursos femininos, inerentes ao senso comum, que afirmam que: “- Todos os homens são em potencial estupradores!”. Ao dizer isto apenas entre mulheres, há um eco positivo de compreensão mútua, por se entender que até conhecer os homens, ou mesmo após conhecê-los, não há como ter certeza que eles não são estupradores. No entanto, quando alguma mulher diz isso em espaços mistos, por exemplo, em uma rede social, surgirão vários indivíduos que a rechaçarão por generalizar todos os homens. Logo, este tipo de discurso não é aceito na esfera pública.

Assim, no caso dos grupos focais femininos, foi possível obter relatos íntimos e pessoais, os quais não surgiram com a mesma naturalidade ou com o mesmo nível de representação nos grupos focais mistos. Foi através dos encontros em que dialoguei apenas com mulheres que consegui observar de forma propínqua as violências vividas por estas meninas e que pude ter a real noção de como a violência contra a mulher afeta intimamente o cotidiano da maioria destas garotas.

Ao mesmo tempo, os discursos públicos são construídos principalmente através do que os grupos dominantes desejam que seja dito, trazendo uma visão positiva das relações de dominação, um espelho no qual o dominador gostaria de se ver, ocultando a versão dos subordinados. Eles representam uma grande assimetria entre as falas, mas apenas estes podem ser ditos em espaços que são compostos por dominantes e dominados.

Nos grupos focais mistos, as mulheres tiveram em muitos momentos sua fala cerceada e interrompida pelos rapazes, que, em sua grande maioria, falaram mais vezes e por mais tempo do que elas. Muitas vezes foram assumidas posturas conciliadoras nas exposições feitas pelas meninas, tendo em vista o descrédito e os questionamentos acerca de suas afirmações. Ao mesmo tempo em que asseveravam de forma categórica alguns de seus pensamentos, chegavam a afirmar coisas em sentido contrário. As interrupções e questionamentos dos meninos também exerceram certa coerção nas falas das moças. Muitas vezes, elas recuaram nos debates, voltando atrás em alguns argumentos dados para que outras alegações fossem consideradas.

Para Scott (2013), através do discurso público, são construídos espaços de resistência:

A simulação da aceitação da ordem dominante e do respeito pelas normas do discurso público, com os seus gestos e rituais de deferência e de respeito, deve, então, ser vista como um teatro que se encena a submissão e a partilha das normas e regras das elites dominantes, não só com o objectivo da salvaguarda e proteção dos dominados, mas, em muitos casos, como formas da retórica com o que estes tentam obter vantagens decorrentes da invocação das normas que permeiam o discurso oficial, em particular do paternalismo invocado pelos grupos dominantes (SCOTT, 2013, p. 8).

Os discursos ocultos também são construídos pelos dominantes. São construtos que apresentam as faces da dominação mais sombria e violenta, que não pode ser mostrada, pois

difere do discurso público, através do qual buscam construir uma autoimagem positiva. De acordo com Scott (2013), estes são assumidos publicamente pelos oprimidos como uma estratégia de luta e de resistência e pelos opressores como uma tática de dominação, sugerindo que a dominação existe em benefício dos dominados, gerando um eco de assujeitamento. Assim, discursos misóginos e violentos só podem possuir reverberação em espaços apenas masculinos, posto que em ambientes públicos também seriam rechaçados, pois não mostram a face positiva dos homens como eles desejam ser reconhecidos. No entanto, não me foi possível observar grandes diferenças entre os discursos públicos e ocultos dos meninos, as falas dos grupos mistos e masculinos não destoavam, tendo traçados muito semelhantes.

Assim, apesar de ter planejado inicialmente efetuar a investigação tomando como recurso entrevistas semiestruturadas, a técnica que se mostrou mais eficaz para esta pesquisa foram os grupos focais³, uma vez que estes permitiram observar os discursos por meio das falas coletivas. Através desses diferentes grupos focais, foi possível observar as diferenças discursivas entre os grupos mistos, aqueles formados apenas por mulheres e aqueles compostos somente por homens.

Assim, surge o primeiro dilema deste processo, que seria o acesso aos discursos ocultos. A proposta de grupos focais é a tentativa de ver como os mecanismos de defesa e de dominação se constroem por meio das falas em diferentes contextos. No entanto, entendo que nenhum destes discursos representa de forma integral a realidade sobre o gênero. Considero que todos consubstanciam em verdades parciais, evidenciadas por intermédio de construções coletivas. Tanto os discursos ocultos, manifestos nos grupos focais masculinos ou nos femininos, como os discursos públicos, conformados nos grupos focais mistos, são registros que se impõem como uma das verdades, pois todos são dotados de sentido, mas não representam a totalidade do discurso sobre violência contra a mulher. Foi portanto necessário que eu cavasse uma entrada sutil no ambiente escolar, para que os estudantes pudessem se sentir à vontade para demonstrar o que seus discursos públicos ocultavam.

Para formar os grupos focais, optei por trabalhar com uma metodologia de rede, na qual um interlocutor, no caso os professores e coordenadores das escolas visitadas, me apresentavam a outros professores e coordenadores que, por sua vez, mediavam minha aproximação junto aos estudantes. Os grupos focais também contaram com a auto indicação daqueles estudantes que desejavam a participação na pesquisa.

3 De acordo com Morgan (1997), grupos focais compõem uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais, que coletam informações por meio das interações coletivas, o que permite observar a interação do próprio grupo entre si, podendo gerar opiniões coletivas e/ou revelar divergências do grupo.

Assim, procurei inicialmente escolas nas quais já havia diálogo prévio com um ou mais professores, para que a entrada em sala de aula e o diálogo com a coordenação pedagógica fosse facilitado. Preliminarmente, ao adentrar a escola, busquei, sempre que possível, realizar uma pequena residência, frequentando-a por dois ou três dias na expectativa de efetuar uma observação sistemática e a construção de um pequeno diário de campo, para só depois iniciar os grupos focais. No entanto, a dinâmica do ambiente escolar e da pesquisa nem sempre permitiram que estes momentos de observação ocorressem anteriormente à realização dos grupos focais, já que muitas vezes era de interesse da escola que fossem efetuados o mais rápido possível ou em datas e horários determinados, coincidentes com as faltas de professores, ou em aulas como as do Projeto Professor Diretor de Turma (PDT)⁴ e do Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Prática Social (NTPPS)⁵, aulas cujos conteúdos, de acordo com as administrações escolares, eram mais fáceis de ser ocupados para a realização da pesquisa. A despeito destas dificuldades, dentro do possível, foram realizadas visitas em todas as escolas pesquisadas com a intenção de observar seus ambientes.

Assim, realizou-se quinze grupos focais em cinco escolas. Construí o seu roteiro de forma semiestruturada, com estrutura linear, pensando no sentido de que uma resposta encaminhasse à pergunta posterior, me permitindo comparação entre tópicos específicos que compunham os diferentes grupos focais. No entanto, esta estrutura não foi pensada de modo rijo, o que me deu a flexibilidade necessária para o desenlace de uma pesquisa qualitativa. Assim, foi possível direcionar meu olhar de pesquisadora consoante o interesse investigativo. Esta postura permitiu que os estudantes falassem mais sobre um tema ou sobre outro, que misturassem os tópicos ou até que criassem novas questões. Agindo assim, pude coletar mais dados relevantes sobre o que os estudantes tinham a dizer a respeito da violência contra a mulher.

O pesquisador em um grupo focal tem como função principal moderar a entrevista coletiva, ele atua como um facilitador, que busca orientar a discussão no sentido desejado para a obtenção dos dados relevantes à pesquisa. O entrevistador de grupo não observa as opiniões

4 O PDT existe no Estado do Ceará desde 2008. De acordo com a Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC), o professor de qualquer disciplina pode assumir o cargo de diretor de turma, passando a ser responsável por uma única turma da escola. Os diretores de turma possuem um horário na grade escolar com sua turma, o que lhe permite uma aproximação maior e um conhecimento pormenorizado dos estudantes de cada sala de aula, dialogando com os estudantes podendo mediar conflitos que existem normalmente no ambiente escolar.

5 O NTPPS constitui um projeto da SEDUC que existe desde 2012. Ele “[...] é um componente curricular integrador e indutor de novas práticas que tem como finalidade o desenvolvimento de competências socioemocionais por meio da pesquisa, da interdisciplinaridade, do protagonismo estudantil, contribuindo fortemente para um ambiente escolar mais integrado, motivador e favorável à produção de conhecimentos”

de modo individual, mas do grupo como um todo. Se uma opinião é dada por um indivíduo, mesmo não sendo endossada por todo o grupo, ela é relevante para efeito de análise e é referida como uma resposta do grupo na interpretação dos resultados. A premissa destes grupos focais é que eles tendem a reproduzir discursos macrosociais, fugindo de visões individuais (GONDIM, 2002).

Conforme mencionei amiúde, na condução de cada um dos grupos busquei proporcionar um ambiente acolhedor e franco junto aos estudantes. Seguindo um roteiro prévio de condutas, sempre iniciei as sessões apresentando minha condição de pesquisadora mestranda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC). Inicialmente, imaginei que a seleção dos informantes se daria de forma aleatória, buscando cumprir o cálculo de uma amostragem representativa. No entanto, fui surpreendida pela dinâmica da investigação, evidenciando as impossibilidades do que eu havia planejado. Novamente o campo riu na minha cara, demonstrando a inviabilidade de trabalhar com amostras aleatórias. Em primeiro lugar, para a escolha fortuita, seria necessário me apropriar dos dados dos estudantes de cada escola para sorteá-los, na tentativa de gerar aleatoriedade, o que por si só já demandaria profunda disponibilidade da escola e comprometimento de cada uma delas com a pesquisa. Em segundo lugar, seria necessário retirar estes estudantes de suas aulas, possivelmente em salas diferentes, nas quais todos os docentes teriam de consentir a saída dos alunos, o que nem sempre é factível devido tanto ao calendário escolar quanto à vontade dos professores. Por fim, me deparei com uma barreira que poderia ser edificada pelos próprios alunos: como eu poderia retirá-los de sala de aula esperando deles obter dados subjetivo, sem que estes desejassem participar da pesquisa?

Agindo assim, eu praticaria uma imposição vertical o que certamente comprometeria a coleta de dados, uma vez que, ao contrário da aplicação de um questionário, no qual as respostas podem ser objetivas, a relação desejada neste campo exige a participação voluntária dos estudantes para eu pudesse obter suas respostas. Assim, fugi de uma visão vertical que poderia ser tomada por parte dos estudantes em relação à minha condição de pesquisadora, esperando com isto que eles se sentissem mais à vontade na minha presença para que pudessem dizer não o que pensam que eu queria ouvir, mas o que de fato achavam, sentiam e viviam. De resto, a aleatoriedade na amostra dos dados não se constituía em garantia de que os discursos dos estudantes correspondessem a verdades.

Assim, optei pela auto indicação dos estudantes, que se deu da forma mais simplificada possível. Em cada sala de aula indicada pelos professores ou pela coordenação,

eu me apresentei como pesquisadora, explicando de forma superficial a pesquisa, informando o tema e sua motivação. Assim apresentavam-se em cada sala entre 5 (cinco) e 7 (sete) estudantes e à partir daí, eu os encaminhava a um ambiente mais acolhedor, indicado pela equipe gestora ou pelos próprios estudantes, para que pudéssemos conversar sem interrupção.

Assim, elenquei alguns elementos de diversidade pelos quais balizei minha postura investigativa, como: a dessemelhança entre as escolas, o que me possibilitou captar o perfil de diversos estudantes; o paralelismo de gênero, o que me permitiu ouvir tanto meninos quanto meninas e; a existência de díspares perfis de estudantes, para que eu não dialogasse apenas com aqueles que diriam o que eles imaginavam que eu queria ouvir. Na intenção de buscar respostas distintas, em algumas salas nas quais muitos estudantes se disponibilizaram a participar dos grupos, solicitei ao professor que ele selecionasse os estudantes de acordo com alguns estereótipos construídos como os “mais bagunceiros” ou os “mais religiosos”.

Identifiquei também que a auto indicação dos alunos para participar da averiguação não se deu necessariamente por identificação com a temática, por determinada opinião ou por mais conhecimento sobre o tema. Assim, este critério de escolha dos depoentes não teria orientado os resultados da pesquisa. Tendo em vista a enorme diversidade de respostas obtidas nos grupos focais, observei que a motivação dos estudantes em participar da pesquisa não era necessariamente a vontade de participar da pesquisa em si, mas a simples vontade de sair de sala. Apesar de não haver a aleatoriedade na escolha dos estudantes, como inicialmente planejado, os resultados demonstram que diversos perfis de estudantes, com crenças e opiniões distintas, participaram dos grupos focais.

O UNIVERSO PESQUISADO

Dentre os objetivos metodológicos tracejados e executados, realizei três grupos focais por escola, cada grupo composto por cinco a sete estudantes, abrangendo diferentes turmas de estudantes matriculados do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, com idades entre 14 e 18 anos. Como critério, busquei a participação dos alunos nos grupos focais em respeito às suas condições de homens e mulheres, sempre com números próximos. No que concerne à escolha das escolas, busquei a diversificação social dos investigados a partir da natureza da instituição: se regular, integral ou profissionalizante e se pública ou privada. Também levei em consideração a localização nos bairros da cidade de Fortaleza-CE. Dada a dificuldade de penetração nas escolas particulares, a pesquisa se concentrou nas 5 (cinco) instituições. Realizei um diálogo com algumas escolas particulares no entanto não foi permitida minha

entrada em nenhuma sob a justificativa de que isto atrapalharia o andamento do cotidiano escolar. Na maioria das escolas particulares não foi possível sequer dialogar acerca do tema investigativo, havendo uma barreira a priori com qualquer atividade que não diga respeito ao currículo disciplinar da escola. Como resultado deste esforço investigativo, constatei a falta de interesse das escolas particulares em dialogar sobre o tema, uma vez que rapidamente se encerraram as interlocuções, sendo negada minha entrada nas escolas. Elas não têm interesse em manter diálogo com a comunidade científica no sentido de ampliar o debate junto aos alunos. Assim, iniciei os grupos focais sendo obrigada a reconhecer as limitações da pesquisa.

Ao contrário das escolas particulares, as instituições públicas abriram suas portas para a realização da pesquisa. A ponte que permitiu este diálogo foi construída com o auxílio e a colaboração de professores e de gestores de escolas estaduais. Desde o princípio, eles demonstraram esta inteiramente disponíveis e solícitos para acompanhar a pesquisa, evidenciando o completo interesse na elucidação do tema “violência contra a mulher” dentro do ambiente escolar.

CONCLUSÃO

O trabalho de pesquisa e investigação nunca se conclui de fato, o universo observado se renova e se modifica e por tanto o trabalho do pesquisador também se altera. Nesse breve relato de experiência tentei apresentar as minhas expectativas, os erros e os acertos no traçado metodológico que se constituiu em minha dissertação.

Numa pesquisa de caráter qualitativo tornou-se evidente a importância da empatia e sensibilidade do pesquisador, sendo este processo de apreensão de dados a parte mais humana da pesquisa. Assim, na busca do resgate de narrativas foi necessário construir uma teia de sentido em torno dos interlocutores observando o ambiente e o tempo histórico em que se passam seus relatos, buscando realizar uma análise histórica e dialética do período, orientados pelo objeto desta pesquisa.

Desse modo mostraram-se acertadas algumas decisões tomadas ao longo do percurso como os grupos focais realizados de forma franca e direta, como uma conversa informal, que estimulou a atitude colaborativa dos interlocutores, ao mesmo tempo em que favoreceu a dimensão ética da pesquisa. Da mesma forma observou-se vantajosa a realização de grupos apenas com meninas, abrindo um diálogo necessário entre as meninas com elas mesma. Estas, entre outras alterações que ocorreram ao andar da investigação, demonstram a relevância da flexibilidade metodológica na realização da pesquisa e seleção de dados qualitativos.

Em suma, este artigo é uma tentativa de sintetizar o traçado metodológico realizado em uma pesquisa qualitativa, sobre gênero, violência e juventude, em reconstrução permanente constante, numa relação dialética guiada pela necessidade objetiva do campo e da fala dos próprios interlocutores.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 3ª Ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

LOWY, Michael. **A Jaula de Aço**: Max Weber e o marxismo weberiano. São Paulo, Boitempo: 2014.

Lalanda, Piedade. **Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica**. *Análise social* (1998): 871-883.

SCOTT, James C. **A Dominação e a Arte da Resistência**: Discursos Ocultos. Lisboa, Livraria Letra Livre: 2013.

CARROLL, Lewis. **Alice's Adventures in Wonderland**. New York, Penguins book: 2010.